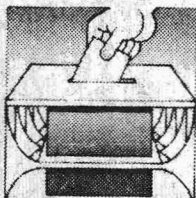


Perfil do eleitor muda em 3 décadas sem voto

O brasileiro que vota para presidente este ano é mais alfabetizado que o de 30 anos atrás

MARILENA DÊGELO

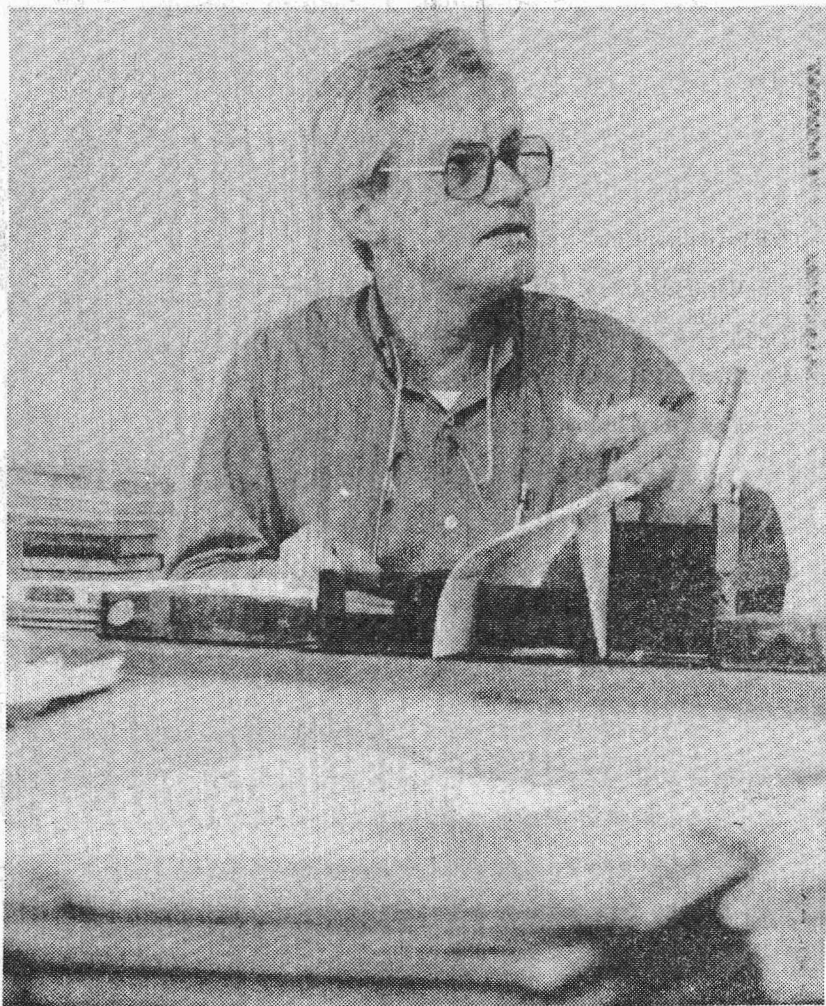


O bolo de eleitores que os presidenciais dividirão em 15 de novembro deste ano cresceu cinco vezes em

relação à massa que participou em 1960 da última eleição direta para a Presidência da República no Brasil. Depois de 29 anos no forno da abstinência do voto presidencial, o eleitorado passou de 15,5 milhões para 82 milhões em 89, segundo cálculos do Instituto de Estudos Econômicos, Sociais e Políticos de São Paulo (Idesp), com base no recadastramento eleitoral de 86. Os brasileiros com direito a voto, que em 60 representavam apenas 22% da população, agora são mais da metade dos habitantes do País.

Os dois principais ingredientes para o crescimento do bolo, conforme analisa o cientista político Marcus Faria de Figueiredo, foram a brutal expansão da escolaridade a partir dos anos 70 e a ampliação do mercado de trabalho, com o milagre econômico que começou em 66. "Até 88, os analfabetos não podiam votar e mesmo hoje ficam constrangidos por terem de sujar o polegar no dia da eleição", constata Marcus. Segundo ele, apenas 4% dos 25 milhões de analfabetos se cadastraram. "A maior oferta de emprego permitiu a muitos brasileiros tirar o título de eleitor, uma das exigências do mercado formal de trabalho", pondera o cientista político. O eleitorado que em 66 era de 22,4 milhões, chegou a 46,5 milhões em 78.

O direito de voto ao menor de 16 anos, a partir desta eleição, deverá aumentar em pelo menos dois milhões o total de



Célio Junior/AE

Marcus: previsões de menor índice de abstenção

eleitores calculados pelo Idesp. Marcus Faria trabalha com a expectativa de que metade dos cinco milhões de jovens brasileiros entre 16 e 18 anos se cadastrem nos cartórios eleitorais. O cientista político prevê ainda que a participação popular nesta eleição será maior, com índice de abstenção inferior à média de 17% das eleições dos últimos 29 anos. Isso porque, depois de tanto tempo sem escolher o presidente, o interesse em votar é muito grande.

O peso do voto urbano na eleição presidencial deste ano será maior que em relação à de 60. O Idesp estima que 20,6 mi-

lhões de eleitores — 25% do total — tenham hoje residência nas capitais dos Estados. Em 60, os centros urbanos abrigavam menos de 15% do eleitorado. Paraná e Bahia, entre os seis maiores colégios eleitorais do País, são os que mais cresceram em número de habitantes com direito a voto nos últimos 29 anos: quase quintuplicaram seu eleitorado.

O maior colégio eleitoral, São Paulo, cresceu quatro vezes. Mesmo assim, os votos paulistas, este ano, representarão 23% do total previsto para o País, quando em 60 correspondiam a 21,9% do eleitorado.